

LOURES

magazine

ODIVELAS

Nº. 75 • Janeiro de 2008 • Preço avulso: €1,50

CRIAMOS a sua IMAGEM

H cabeleireiros

219 821 545
telefone marcação

Rua Vasco da Gama, 29, Loja 2
Quinta do Infantado . Loures



ODIVELAS

JOSÉ SÓCRATES
INAUGUROU
LOJA DO CIDADÃO
no OdivelasParque



OLIVAL BASTO

CHARNECAUTO
A "clínica" perfeita
para o seu automóvel



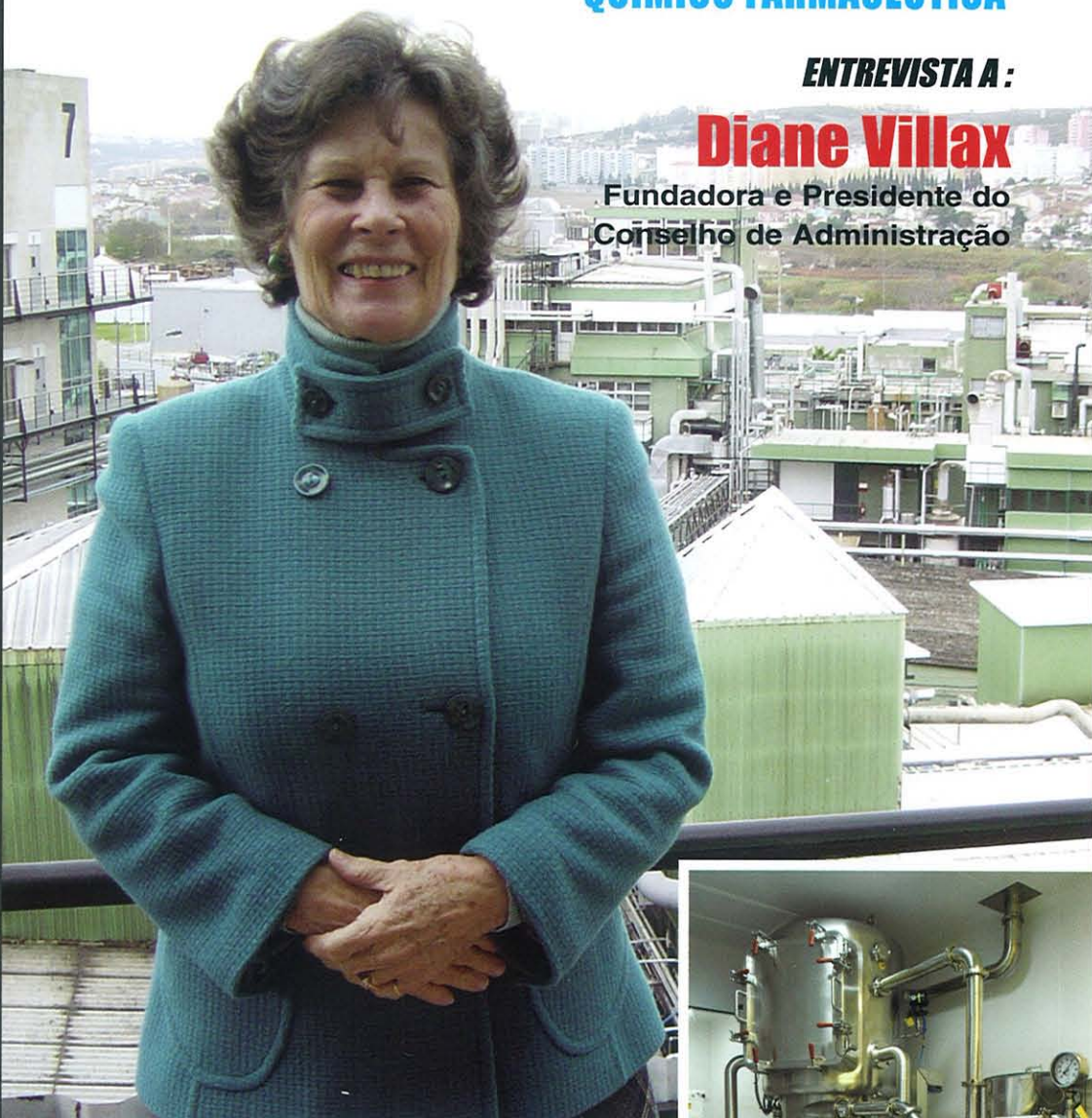
HOVIONE

UM "GIGANTE" DA PRODUÇÃO
QUÍMICO FARMACÊUTICA

ENTREVISTA A:

Diane Villax

Fundadora e Presidente do
Conselho de Administração





HOVIONE

UM "GIGANTE" DA PRODUÇÃO QUÍMICO FARMACÊUTICA

Continuando o ciclo de entrevistas a grandes empresas dos concelhos de Loures e Odivelas, a Loures Magazine foi desta vez conhecer em pormenor a Hovione, uma das grandes referências da indústria químico farmacêutica em Portugal.

Fundada em 1959 pelo húngaro Ivan Villax, investigador químico, profissional empenhado no desenvolvimento de tetraciclina e corticoesteróides anti-inflamatórios, a Hovione é uma empresa com enorme sucesso na área da investigação. Em 1969, em Loures, foi construída a primeira fábrica. As novas capacidades abriram caminho para aumentar e garantir um lugar de primeiro plano no mercado mundial dos princípios activos farmacêuticos (PAF's). Desde sempre dois factores distinguiram a Hovione: a capacidade tecnológica e a qualidade da produção. A Hovione estabeleceu-se em Hong Kong e no Japão, inaugurando em 1987 uma nova fábrica em Macau que, actualmente, dispõe de uma equipa de uma centena de profissionais que garante um terço da produção industrial dos PAF's da Hovione.

Durante a última década, a Hovione não só desenvolveu e colocou no mercado os seus próprios agentes de contraste como, simultaneamente, respondeu às necessidades emergentes da Indústria Farmacêutica, ao desenvolver processos químicos e produção industrial de novos fármacos, com particular destaque na medicação de combate à SIDA, isto sem esquecer a abertura do Centro de Transferência de Tecnologia em New Jersey, nos EUA.

Para saber mais sobre este gigante da indústria químico farmacêutica, falámos com Diane Villax, fundadora da Hovione e actual Presidente do Conselho de Administração, que nos relatou, na primeira pessoa, todas as etapas mais marcantes no nascimento e ascensão desta Empresa-referência no concelho de Loures.

«Todos sabem que a nossa qualidade é garantida»

Diane Villax

Fundadora e Presidente do Conselho de Administração da HOVIONE

LOURES *magazine* **ODIVELAS (LmO) - A Hovione está a ano e meio de completar meio século de actividade. Como é que surgiu a ideia de criar a Hovione?**

Diane Villax (DV) - A Hovione foi fundada em 1959, inicialmente por um desafio de dois amigos húngaros do meu marido que tinham conhecimento de uma fábrica em Itália, gerida por cidadãos comuns, que tinham saído da Hungria devido à situação política e tinham estabelecido uma fábrica de antibióticos fabricados por fermentação.

Porém, faltava-lhes *know how* e a protecção de patentes, pois não tinham o conhecimento técnico necessário para as elaborar, até porque em Itália, naquela altura - estávamos em 1959 -, não

existiam patentes nem de produto, nem de processo, embora no resto do mundo já existissem. Daí o facto da empresa italiana, gerida pelos dois húngaros, poder fornecer o mercado italiano, mas não poder exportar.

Foi aí que entrou o meu marido, que tinha experiência no campo da Propriedade Intelectual. Juntou-se com os seus amigos e foram a Itália associar-se à referida empresa e, durante vários anos, o meu marido envolveu-se no mercado italiano e o seu *know-how*, desenvolvido em Portugal e aplicado lá, foi uma fórmula de sucesso. O meu marido não entrava na vertente comercial, mas o desenvolvimento do processo, assim como as patentes, eram pedidas em Portugal e depois havia um contrato através do qual a empresa italiana podia exportar.



LmO - O seu marido chegou a Portugal em que ano?

DV - O meu marido saiu da Hungria em 1948 e chegou a Portugal em 1951. Trabalhou no Instituto Pasteur, até 1960, ano em que esta instituição foi vendida a uma empresa americana. Depois, ficou livre para entrar neste desafio. Passámos seis meses em Itália, com os nossos dois filhos que já haviam nascido, para que ele pudesse estar mais perto da fábrica que ainda necessitava de aperfeiçoamentos técnicos.

LmO - Voltaram, de novo, para Portugal ...

DV - Exacto. Exacto. Em 1962, voltámos para Portugal e vivíamos na Travessa do Ferreiro, numa casa com vários pisos. Na cave, havia um amplo espaço que o meu marido equipou com toda a segurança - toda a vida deu imensa importância à questão da segurança. Aí, continuou a fazer a sua pesquisa a nível laboratorial, conseguindo desenvolver as patentes que criava. Por volta de 1963, lançámo-nos no mercado dos

Perfil de uma empresa singular

Para se ter uma ideia mais precisa da realidade desta Empresa especializada na área da ciência da saúde, que investiga e fabrica produtos farmacêuticos de última geração, ou seja, as substâncias activas que constituem os medicamentos, basta dizer que a Hovione é uma das mais bem sucedidas empresas químico farmacêuticas a nível nacional, e uma das mais prestigiadas no âmbito internacional, exportando a totalidade da sua produção para mercados tão exigentes quanto os dos Estados Unidos, Japão ou União Europeia.

Prestes a comemorar meio século de existência, esta empresa nacional distingue-se pela sua capacidade tecnológica e qualidade de produção, já que é uma das maiores investidoras em Investigação e Desenvolvimento na indústria farmacêutica portuguesa, detendo cerca de 350 patentes em todo o mundo.

Com uma facturação anual que rondou, em 2006, uns significativos 94 milhões de dólares, as apostas da Hovione, para além da área da investigação, centram-se nas questões ambientais, na certificação de qualidade e na formação dos seus quadros técnicos. Dispondo actualmente de duas fábricas em plena produção - em Loures e em Macau -, e um Centro de Transferência de Tecnologia em New Jersey, nos Estados Unidos da América a Hovione emprega cerca de 640 profissionais, de dez nacionalidades diferentes e com idade média relativamente jovem que se situa nos 37 anos.

Dinâmica e jovem, a empresa foi premiada, em duas ocasiões - em 1990 e 1998 - com o Galardão de Mérito Empresarial, atribuído pela Câmara Municipal de Loures. Ainda no que respeita a distinções, em 1992 o trabalho desenvolvido em prol do ambiente valeu-lhe o prémio de "Melhor Meio Ambiente na Indústria", atribuído pela Comissão Europeia e pelo Programa Ambiental das Nações Unidas.

esteróides, produtos de pequeno volume mas de grande valor. Na altura havia esteróides que valiam cerca de 100 dólares por grama. Eram muito difíceis de fazer, já que passavam por 16 passos químicos e eram produtos muito caros, daí não haver muita concorrência. Os nossos produtos e seus processos de fabrico estavam sempre protegidos por patente, a única forma de poder exportar. Naquela altura, havia patente de produto nos países anglo-saxónicos. Nos outros existia a patente de processo. Se uma pessoa tinha um processo individual, podia exportar para os países "não anglo-saxónicos", evocando a patente que tinha.

Nos anos 60 continuou-se a associação com a empresa italiana, até que, em 1967, um dos licenciados da empresa italiana, da Califórnia, decidiu comprá-la e, com a percentagem que o meu marido tinha, foi possível começar a construção da fábrica em Sete Casas. Nós já tínhamos uma quinta pequena, onde morava a minha sogra que tinha enviado em 1964, e o meu marido tinha com-

prado uma vivenda junto à estrada nacional. Era uma vivenda com um terreno de 1,7 hectares. A minha sogra aproveitava o terreno para horta mas, a partir de 1967, o meu marido começou a usar essa área para construção. Começou com o chamado edifício número 1 da Hovione. À época não foi fácil pedir o alvará, uma vez que existia já uma outra empresa que fabricava matéria-prima para a indústria farmacêutica e a opinião do Governo, naquele tempo, era de que não deveria existir concorrência, de forma a defender os interesses já instalados.

L^{HO} - Construíram todo este património praticamente sozinhos ...

DV - É verdade. Em 1960 o meu marido obteve a nacionalidade portuguesa e, em 1964, os outros dois sócios saíram da empresa. Ficámos apenas os dois (eu e o meu marido), sozinhos e sócios, pois casámos em regime de separação de bens, e só por isso foi possível. Começámos então a construir o Edifício 1 da Hovione, trabalhando ainda

no campo dos esteróides, e iniciámos também a produção de antibióticos sintéticos. Fomos progressivamente desenvolvendo o negócio vendendo sempre produto de excelente qualidade, o que o tornava relativamente caro, afugentando assim alguns clientes. É interessante constatar que, passado 20, 30, 40 anos, o ciclo fechou-se e, hoje, vêm ter connosco porque sabem que a nossa qualidade é garantida e estão dispostos a pagar o preço justo.

L^{HO} - De resto, têm ao longo da história apostado sempre na qualidade, nomeadamente ao contratarem excelentes quadros técnicos ...

DV - É um facto. No nosso campo de actividade

temos que olhar muito para o futuro, por vezes mais de uma década, à frente. E isto porque é esse o tempo que o desenvolvimento de um produto leva para ser aprovado. É um processo muito moroso, leva muito, muito tempo. É-nos indispensável ter uma grande equipa de investigadores, e o nosso Departamento de Investigação e Desenvolvimento é proporcionalmente muito grande relativamente ao número de funcionários que trabalham em Loures. Neste momento, temos cerca de 450 colaboradores em Loures, sendo que uma centena pertence ao Departamento de Investigação.

L^{HO} - Um número de funcionários que corresponde, sensivelmente, às patentes da Hovione ...

DV - Temos cerca de 350 patentes registadas. Algumas vão caducando e só pedimos patentes em países onde sabemos que vamos fazer negócio.

L^{HO} - O crescimento nem sempre é fácil e a aposta no rigor tem de ser uma constante. O seu filho Guy Villax, em nota de abertura da vossa newsletter, aborda precisamente esta temática e é muito frontal ...

DV - É verdade. Cada vez que um produto não sai bem à primeira há custos, dinheiro e mão-de-obra perdidos. Contudo, gostaria de destacar a sorte que temos na nossa segunda geração. Três dos meus quatro filhos trabalham na fábrica, e é realmente uma sorte ter esta continuidade assegurada. As empresas são criadas e geridas pelos fundadores, mas muitas vezes a passagem de testemunho para a geração seguinte pode ser um problema. Nesse aspecto tivemos muita sorte, porque tivemos filhos muito capazes de prosseguir com o negócio, pelo que o futuro só pode ser positivo, dado o rigor com que encaram o trabalho que é desenvolvido dentro do Grupo Hovione.

A "internacionalização" da Hovione UMA EMPRESA VIRADA PARA O MUNDO

L^{HO} - Como se processou a internacionalização da empresa?

DV - Em 1974, ainda éramos muito pequenos, tínhamos somente cerca de 50 empregados. Continuámos sem grande desenvolvimento até princípio dos anos 80, mas em 1982, lançámo-nos no mercado americano. Este mercado, por mais estudos que se façam, é muito grande e não perdoa. Se, por exemplo, num negócio pensamos em fornecer 100 quilos de material e o cliente, de repente, decide que precisa de uma tonelada, ou fornecemos essa tonelada ou perdemos o cliente e o negócio para sempre. Uma vez discutido o preço, existe ainda a qualidade, os prazos de entrega, tudo isso é muito importante. Os nossos clientes deram-nos a entender que achavam necessário que tivéssemos uma segunda fonte de produção para não estarem tão dependentes de Loures.

L^{HO} - Surgiu, então, a hipótese de Macau ...

DV - Naquela altura, Macau era território chinês sob administração portuguesa e pareceu-nos que



TESTEMUNHO

Diane Villax vê nos seus três filhos: Guy, Peter e Sofia, uma grande maturidade para continuarem a gestão da Empresa, impondo a mesma qualidade, rigor científico e segurança, como seu marido e ela própria sempre mantiveram

havia vantagens. A República Popular da China teve uma ideia muito avançada para a época: enviavam muitos jovens para estudar no estrangeiro, mas com a condição de voltarem. E efectivamente voltavam, e voltavam com muita capacidade. Nós sabíamos que havia fábricas que fabricavam as matérias-primas que precisávamos. Em 1978, tínhamos ido pela primeira vez à Feira de Cantão, mas não se falava com as fábricas, mas sim com entidades. Em 83 começámos a contemplar essa ideia. Por um lado, porque os nossos clientes americanos queriam que houvesse uma segunda fábrica, por outro, porque havia muita matéria-prima barata do outro lado da fronteira. Construiu-se a fábrica em 85 e em 86 começou a laborar. Ao início não foi fácil, porque Macau não tinha nada. Enviámos de Portugal os elevadores, o chão, etc., até porque o que havia em Hong Kong era caríssimo. Assim, acabava por ser vantajoso mandar os materiais de Portugal. Os chineses construíam muito depressa, mas tínhamos barcos muito irregulares, que iam daqui até Roterdão e daí é que seguiam até Hong Kong. Daí, seguia de barcaça até Macau. Portanto, tínhamos de calcular quando é que o construtor ia

necessitar dos materiais. Não foi fácil, o meu filho Guy esteve a gerir a construção, mas era ainda muito novo. Construíram a fábrica em 14 meses. Acabou por ser muito rápido.

L^{HO} - Como é que os americanos reagiram a esta resposta?

DV - Fomos inspeccionados, em Loures e em Macau pela Entidade Reguladora Americana, para ver se as fábricas estavam ou não em conformidade para fornecer o seu mercado. Quando chegaram a Macau, o inspector questionou a minha filha Sofia, então com apenas 20 anos: "Vocês realmente acham-se óptimos. Primeiro dizem que constroem uma fábrica em 14 meses e 6 meses depois de ela entrar em laboração pedem uma inspecção. Cá estou eu, vamos então ver se realmente estão á altura do que invocam". A verdade é que correu tudo muito bem, fomos aprovados e ambas as fábricas foram consideradas equivalentes. O que significou que não existia, a partir daí, a fábrica 1 e um "pavilhãozinho" em Macau, mas que o mercado americano poderia ser fornecido por qualquer uma das unidades fabris.

ORGULHO NO PASSADO, CONFIANÇA NO FUTURO

50anos.hovione.com

Um dos aspectos mais relevantes da vida da Hovione passa pela preservação da memória colectiva de uma empresa familiar rica em História. Prestes a celebrar o primeiro meio século de História, a Hovione em geral, e Diane Villax em particular, pretendem assinalar a data com um conjunto de eventos marcantes.

Contudo, tal operação necessita de largos meses de preparação, sendo que o arranque das actividades iniciar-se-á com o lançamento de um site evocativo já durante o mês de Janeiro de 2008.

Prestes a completar 50 anos, a Hovione prepara já a celebração de meio século de existência. Como pensam comemorar tão importante data?

Temos um grande desafio pela frente, pois uma das formas de celebrarmos os 50 anos da Hovione passará por recolhermos testemunhos de pessoas, entidades, instituições, clientes e funcionários da empresa - actuais e passados - para futura compilação de uma edição. É um projecto ambicioso e criativo, que se estenderá ao mundo virtual através de um site. O site estará alojado no domínio **50anos.hovione.com**, e todos poderão entrar e contar as suas histórias. Procuramos histórias interessantes, educativas e que demonstrem qual a atitude da Hovione no desenvolvimento do negócio. Para nós, é fundamental que as pessoas contem os seus relatos, e se tiverem fotografias ou vídeos poderão também inseri-los no site. Posteriormente, iremos então fazer uma compilação de todo o material, de forma a comemorarmos os 50 anos da Hovione em Abril de 2009. As celebrações estender-se-ão ao longo de todo o ano.



L^{us}O - Até que chegou a aposta nos EUA, em New Jersey ...

DV - Correcto. Como mais de 50% da nossa produção vai para os EUA e para não obrigar os clientes a atravessar o Atlântico para virem ter connosco, construímos, em New Jersey, uma fábrica à escala-piloto: um local onde os nossos clientes e potenciais clientes podem ir com a especificação

do produto que pretendem, falar com os nossos químicos e ver se há compatibilidade no que podemos ou não fabricar, visto existirem sempre condicionantes numa fábrica de produtos químicos finos.

Trata-se de uma unidade moderna, com laboratórios de pesquisa e uma unidade produtiva à escala piloto e empresa cerca de 45 pessoas.



"A Hovione é uma das empresas portuguesas que mais contribui para a ciência da saúde, investigando e produzindo com alta tecnologia e qualidade, produtos farmacêuticos de base de última geração."



L^{us}O - Num mercado cada vez mais global, como têm lidado com a concorrência à escala planetária?

DV - Quando fundámos a Hovione, sendo eu inglesa e o meu marido de origem húngara, de imediato olhámos para o mundo. O nosso primeiro grande mercado foi o Japão, e foram eles que vieram ter connosco graças às patentes do meu marido. Portanto, desde o início tivemos que competir com o mundo. Ao entrar para a Comunidade Europeia estávamos aptos a enfrentar as exigências que a nova legislação impunha.

Começámos a ter uma equipa de vendas que corria o mundo. Desde o início, os nossos mercados foram sempre sofisticados: começámos pelo Japão, Austrália, orla do pacífico, Europa Ocidental e EUA.

Foram os nossos principais mercados desde sempre e continuam a ser. São os mercados mais exigentes.